

PORTO & MAR

ENTREVISTA

Marco Ferraz. Presidente da Associação Brasileira de Cruzeiros Marítimos (Clia Brasil).**“Gostaríamos de ter navios de cruzeiro o ano inteiro. O Brasil possui potencial”**

ÁGATA LUZ

DA REDAÇÃO

Uma temporada de cruzeiros durando o ano todo e atraindo ainda mais companhias ao Brasil. Este é um desejo do presidente da Associação Brasileira de Cruzeiros Marítimos (Clia Brasil), Marco Ferraz. Em entrevista para A Tribuna, ele se diz otimista com as viagens de navio no Brasil e revela inovações que podem levar as embarcações a operarem, inclusive, no Rio Amazonas. Já em relação ao Porto de Santos, ele mostra preocupação com alguns pontos do processo de desestatização.

Como a Clia avalia a retomada da temporada de cruzeiros 2021/2022 no Brasil, em março, após dois meses de suspensão?

A gente ficou bem contente com a volta, pois é importante retornar e mostrar a segurança da operação, que a experiência de viagem continua fantástica e, assim, contribuir para a economia, com geração de empregos. Em Santos, navios chegaram e saíram com muitos tripulantes, havia 7 mil a bordo. A demonstração foi boa e, agora, a gente teve quase dois meses de operação. Nos primeiros cruzeiros, a gente estava com uma ocupação um pouco menor, mas já com o público e agentes de viagem vindo que as operações estavam seguindo tranquilamente. Já esses últimos cruzeiros estão mais movimentados, sempre seguindo os protocolos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

O que as empresas de cruzeiros preparam para a temporada 2022/2023?

Estamos felizes por haver oito navios confirmados para próxima temporada. São cinco da MSC e três da Costa Cruzeiros. A gente voltará a fazer os cruzeiros internacionais, que não foram realizados nesta temporada. Haverá um navio se deslocando para o Brasil com argentinos e uruguaios e temos navios que vão daqui para lá também, além de todos os cruzeiros no Brasil que a gente mantém. Vão ser 14 destinos e a gente ainda está discutindo a possibilidade de algum outro

“Estamos felizes por haver oito navios confirmados para próxima temporada. São cinco da MSC e três da Costa Cruzeiros. A gente voltará a fazer os cruzeiros internacionais”

novo. Os números são muito fortes, a gente volta com um número maior do que na temporada 2019/2020 e se aproximando de 680 mil leitões ofertados.

Há armadores que hoje não operam cruzeiros no Brasil e procuraram a Clia ou têm interesse em vir para o País na temporada 2022/2023?

Sim, o Brasil é visitado por cerca de 14 companhias, além dessas duas que fazem operação aqui. Elas estão dando volta ao mundo, se posicionando lá no sul da Argentina e Chile para visitarem a Antártica e passam por aqui, já tendo essa desaprovação do que é operar no

Brasil. Além delas, há outras companhias e a Clia, por ser uma associação internacional com 56 armadoras, sendo 42 de oceano, consegue transmitir dentro da associação todas as informações. Um dado importante é que a gente tem 93 novos navios que vão ficar prontos até 2027. Essas embarcações que vão começar a operar precisam de destinos e a gente está sempre levantando a mão querendo esses navios aqui.

Como o senhor avalia os dois meses de paralisação dos cruzeiros no Brasil, entre janeiro e março?

O golpe foi muito grande. É

um setor que foi fortemente afetado pela pandemia desde 2020. Ficamos 100% parados. Trata-se de um prejuízo grande não só para companhias, mas para todos que vivem dos navios de cruzeiros, como tripulantes, agentes de viagem, operadoras e o setor receptivo, desde o vendedor de coco até o transporte local, como táxis e vans. Mas as empresas demonstraram sua força e estamos felizes de poder retornar, mostrar o Brasil para os hóspedes e voltar a gerar impacto econômico e social.

Este período de suspensão pode ter afastado algumas**empresas para a próxima temporada no Brasil?**

No momento, não. A gente não vê nenhuma empresa que deixou de vir para o Brasil por algum motivo. Agora, estamos com as fronteiras abertas, tudo correndo bem com a pandemia, a nova temporada vai acontecer e acredito que terá muito sucesso no País.

No fim do ano passado, o agora ex-ministro do Turismo, Gilson Machado, falou que o Governo Federal trabalhava com a ideia de não ter apenas uma temporada para os cruzeiros, pois entrega potencial para o ano todo. A Clia concorda?

A gente concorda com ele, pois gostaríamos de ter navios de cruzeiro o ano inteiro. O Brasil possui potencial para isso, tem demanda e a oferta a gente poderia adaptar. Há o Nordeste com grande potencial para atrair não só os americanos, como os europeus e sul-americanos para conhecerem o Brasil o ano inteiro. E o País tem o Amazonas, que é um rio grande, com profundidade suficiente para entrarem, inclusive, os navios de oceano que a gente tem. Alguns já visitam o Amazonas e a gente está trabalhando para isso. Temos desafios de infraestrutura, custos, impostos - a carga é bem elevada - e regulação, pois é um setor altamente regulado.

Isso é possível?

Com o aumento de números de navios, ampliamos as possibilidades de atrair cruzeiros o ano inteiro. Nas últimas temporadas, a gente vem aumentando o período que os navios ficam. Na próxima temporada, teremos 176 dias de operação, ou seja, estamos chegando aos seis meses. Se crescermos devagarzinho, podemos ter navios o ano inteiro em um futuro breve.

Em Santos, a infraestrutura destinada aos cruzeiros é muito debatida. Como a Clia vê esse assunto? Levar o Terminal de Passageiros para o Valongo é positivo?

A gente não quer ficar sem operação. É muito importante não ter suspensão de operação. Mas precisamos de infraestrutura para atender bem aos nossos hóspedes. Se a mudança trouxer uma infraestrutura melhor, é claro que a gente é favorável. Hoje, os berços dos navios ficam longe dos terminais e a gente tem que passar por cima da via férrea, são questões que, em outros países, a gente não enfrenta. Porém, é o que nós temos; estamos conseguindo operar e não podemos ficar sem berços e infraestrutura

enquanto um outro terminal não ficar pronto. Mas, se ele tiver condições melhores e similares ao que a gente vê em outros países que estão investindo muito nisso, a gente é favorável.

A associação acompanha esse projeto?

Já tivemos conversas com o diretor-presidente Fernando Biral, da SPA (Santos Port Authority), que nos mostrou o projeto. Agora é uma questão de viabilização. Além disso, é preciso haver garantia de que a gente não vai ficar sem espaço para operação enquanto o outro terminal não está pronto. Ele (Biral) já nos deu a garantia de viva-voz, estamos mais tranquilos e seguimos acompanhando.

Em relação ao processo de desestatização do Porto de Santos, como a Clia se posiciona?

A gente tem conversado com o próprio presidente da SPA, o Ministério da Infraestrutura, o secretário nacional de Portos (Diogo Piloni) e sua equipe. É importante a garantia de atendimento de navios de cruzeiro e também que os custos portuários não explodam. Recebemos uma nova tabela que aumenta muito o custo portuário para cruzeiros e estamos em discussão com a SPA para entender esse aumento e chegar a um bom termo de operação dos navios de cruzeiro sem prejudicar o custo de operação aqui no Brasil. Ele já é alto e, se tiver um aumento grande, a gente pode afugentar os navios.

Quais seriam essas condições favoráveis a partir da desestatização?

A preparação da infraestrutura. Há navios que vêm com gás natural liquefeito e precisamos ter o Porto de Santos preparado para abastecê-los. Hoje, não está. Há navios prontos para ligar na energia elétrica do porto e, quando o complexo santista contar com a capacidade de ligação, a gente também já tem tudo preparado. Com o Porto sendo privatizado, a gente espera que melhorias ocorram e haja uma operação preparada para as tecnologias dos navios que estão vindo.